

CONCEPÇÕES DE NORDESTE: DESENHOS E SUBJETIVIDADES MAQUÍNICAS¹

Camila Araújo Gomes MEDEIROS²
Mestranda no EHCT-UNICAMP

Valéria CAZETTA³
Docente na EACH-USP

Introdução

Neste trabalho, serão apresentadas concepções da região Nordeste de estudantes que cursam os anos finais do Ensino Fundamental II por meio de uma atividade na qual manifestaram por meio de desenhos e falas suas concepções de Nordeste, o estado da Bahia e a localidade onde está inserida a escola. A escolha tanto da escola quanto dos sujeitos da pesquisa, advém do fato da pesquisadora ter lecionando nesta escola no ano de 2014, possuindo relação de confiança com os sujeitos envolvidos (SADE, et al 2014), pois todos foram seus alunos. Em relação à temática, a escolha partiu da curiosidade, após a leitura *d'A invenção do Nordeste e outras artes* (ALBUQUERQUE JR, 2011), de investigar quais concepções de Nordeste permeiam o imaginário de estudantes que estão inseridos na região Nordeste e, especialmente, no estado da Bahia. Esta pesquisa-intervenção foi realizada em duas etapas: na primeira foram distribuídos os materiais (papel A4 branco, giz de cera, lápis de cor, caneta hidrocor e cola-glitter) e a produção dos desenhos, lembrando que estes deveriam ser acompanhados de uma descrição escrita. Na segunda etapa, foi organizado um semicírculo e cada estudante partilhou com o grupo seu desenho, bem como os ditos acerca dele. A atividade foi desenvolvida em duas turmas do 7º ano em uma escola pública municipal rural, situada no município de Santo Estevão – Ba, resultando na produção de 30 desenhos. Optou-se pela solicitação dos desenhos em três escalas (Caatinginha – comunidade rural onde a escola encontra-se inserida, Bahia e

¹ Este texto é tributário de uma parte das práticas educativas desenvolvida no decorrer da pesquisa empírica, relacionada à investigação do mestrado em andamento, cujo título provisório é: *Ludicidade e Ensino de Geografia: contribuições e possibilidades* (Programa de Pós-Graduação em Ensino de História de Ciências da Terra, do Instituto de Geociências da Unicamp), sob orientação da Profª Drª Valéria Cazetta (EACH-USP).

² Integrante do Grupo de pesquisa em Culturas Visuais e Experimentações Geográficas – Miragem (vinculado à Rede Internacional de Pesquisadores Imagens, Geografias e Educação, Pólo São Paulo, www.geoimagens.net). Bolsista da agência de fomento CAPES. E-mail: cm21.camilinha@gmail.com

³ Coordenadora do Grupo de pesquisa em Culturas Visuais e Experimentações Geográficas – Miragem (vinculado à Rede Internacional de Pesquisadores Imagens, Geografias e Educação, Pólo São Paulo, www.geoimagens.net). Blog do Miragem <http://miragemcveg.blogspot.com.br>

Nordeste), para se entender os olhares multiescalares que os mesmos possuem do seu contexto local e regional.

Atividades voltadas para o uso dos desenhos no ensino de é uma prática que vem sendo realizada em disciplinas voltadas á formação de professores de Geografia (OLIVEIRA JR, 2006) tornando-se uma importante ferramenta a ser utilizada no ensino de Geografia, pois “trata-se de uma ferramenta para enfatizar e visualizar ideias e problemas que não se expressam mediante de outras linguagens e para indicar a visão e consciência que os alunos têm sobre os problemas globais nos seus contextos social, econômico e político.” (SEEMANN, 2006, p. 8). O uso de outras linguagens no ensino, como os desenhos “traz possibilidades bastante instigantes de colocar as falas e conhecimentos dos alunos na ordem do dia das nossas aulas.” (OLIVEIRA JR, 2006, p. 10).

Durante a confecção dos desenhos, os estudantes alegavam que era muito difícil expor seus pensamentos, imaginários e concepções; afirmavam ter em mente o que e como desenhar, porém não tinham habilidades para isso. Alguns perguntaram se podiam olhar as imagens do livro didático acerca do nordeste, no entanto, no decorrer da pesquisa-intervenção, foram esboçando seus traços a partir das imagens que habitam suas memórias. Tal insegurança no ato de desenhar, pode estar ligada ao fato de serem adolescentes e desejarem produzir “uma representação gráfica mais ‘fiel’ e mais próxima do objeto real [...] daí o abandono do desenho e a crença que acompanha a maioria dos adultos não saber desenhar.” (MIRANDA, 2005, p. 69). De posse dos desenhos chamou-nos atenção a quantidade de estereótipos da região Nordeste como a seca, o cacto e a terra rachada com crânios de gado morto. Tais concepções podem estar atreladas à noção de Nordeste que vem sendo gestada “pela espacialidade física mostrada intensamente pela cartografia, e por imagens que mostram um ambiente castigado pela seca e a exotividade dos nordestinos capturadas pelo olhar do estrangeiro.” (GONÇALVES, 2010, p. 56).

Ao contrário do que imaginávamos, nem todos sentiram-se à vontade para falar sobre seus desenhos, preferindo apenas anotar abaixo deles o que haviam desenhado, embora tivessem gostado de falar sobre os desenhos, pois achavam que não estavam “bons” como os das pessoas que “sabem” desenhar, por isso era melhor explicar. A seguir apresentamos alguns desenhos, trazendo as imagens mais recorrentes.

Estereótipos: o Nordeste seco, a baiana e as praias da Bahia

Ao nos debruçarmos sobre a análise dos desenhos e das falas dos alunos e alunas, notou-se a presença de imaginários sobre a referida região, partindo de olhares e falas que se materializam “ao ser objetivado por quem é estereotipado, ao criar uma realidade para que o toma como objeto. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 30). Muitos desenhos apresentaram a imagem do nordeste seco com a figura de uma casa simples, numa geografia árida com um jumento e algumas plantas, lembrando palmas e cactos. Estava presente também, o sol forte que castiga os nordestinos e alimenta a seca. Todavia, chamou atenção o desenho, abaixo, pois a aluna desenhou uma flor com o galho torto e cobriu as pétalas com glitter verde.



Ao observarem esse desenho seus colegas afirmaram se tratar apenas de uma flor verde, mas segundo sua autora “*esse é um pé de rosa, só que ela tá assim, porque aqui no Nordeste tá com mais de dois anos que choveu, por isso ela tá assim seca e murcha*”. Durante sua apresentação, acrescentou: “*desenhei uma flor. É uma rosa sim, só que ela está triste. Ela tá morrendo porque no Nordeste tá muita seca.*” Os demais estudantes questionaram como ela poderia estar seca se no desenho ela estava verde. A autora responde: “*ela está caindo, porque está morrendo por conta da seca. O Nordeste é seco e só chove de cinco em cinco anos*”. Os demais alunos acharam graça e um diálogo é iniciado, conforme o excerto, abaixo:

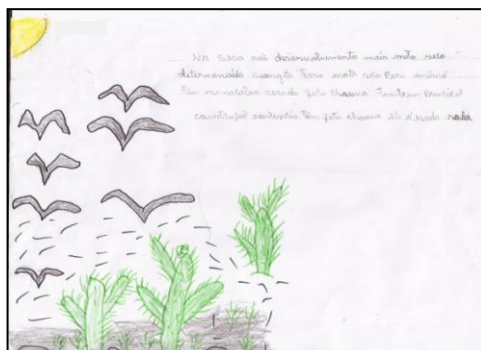
Estudante 1: É sério, tem quantos anos que choveu?

Estudante 2: Não tem nem cinco dias!

Estudante 3: Choveu um monte de noite

A problematização por parte dos alunos e alunas em relação à Caatinginha estar ou não na região Nordeste, vai além da divisão regional. Quando a autora do

desenho afirma que o Nordeste está seco, que faz muito tempo que não chove, e seus colegas problematizam argumentando que chovia há mais de uma semana, evidencia seu imaginário atravessado pelo estereótipo da seca, também presente do desenho de outra aluna: repleto de cactos, descrevendo a falta de chuvas e como a seca é prejudicial aos animais.



O tema da seca não foi o único, mais foi um dos mais recorrentes nos desenhos e nas falas dos estudantes. Este tema originou “a própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno [...] a seca foi decisiva para se pensar o Nordeste como um recorte inclusive ‘natural’, climático, um meio homogêneo que, portanto, teria originado uma sociedade também homogênea.” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p.138). Esta concepção é difundida nos livros didáticos e os meios de comunicação de massa, se apropriam “de um discurso dos ‘coronéis’ sobre o espaço nordestino [...] falam e fazem falar (colocam em repetição e circulação) esse discurso, falam e fazem falar um discurso segundo algumas de suas regras que fixaram enunciados sobre a região nordeste e a figura do nordestino.” (GONÇALVES, 2010, p. 56). Podemos inferir a influência da disseminação deste discurso na escolha dos elementos que alunos e alunas escolheram para representar o Nordeste, retratando paisagens de cores cinzentas que remetem à seca, como do desenho a seguir.



Seu autor apresentou a seca como enunciado visual por meio de um ícone de sol “estrondando”, como muitos comentavam enquanto confeccionavam seus desenhos. O cacto verde resistindo à seca e a árvore sem folhas, apenas com galhos retorcidos. Durante as apresentações, pedi que olhassem pela janela e observassem a paisagem. Comentaram que seus desenhos estavam diferentes do que visualizavam pela janela, pois a paisagem não estava seca, o sol não estava tão “estrondante” e as árvores estavam verdejantes. Além dos estereótipos que habitam seus imaginários, a noção de estados e regiões não é óbvia. Deste modo, desenharam o Nordeste como um lugar distante e do qual não fazem parte. Tais representações são construídas “através das trocas interpessoais, principalmente da fala, manifestando-se através do discurso e das ações do sujeito e sofrendo a influência das relações sociais e da realidade material, social e até mesmo ideal (no sentido imaginário), sobre a qual também interfere.” (MOYSES, 1994, p.46 apud SEEMANN, 2006, p. 2)

Dos desenhos do estado da Bahia

Nos desenhos sobre o estado da Bahia, apareceu a figura clássica da baiana, que, segundo os estudantes, representa a cultura nordestina, vende acarajé e é do candomblé. No desenho a seguir, seu autor apresentou a seca, a cultura, mas alegou não conseguir desenhar nada sobre a localidade onde estuda.



Mas ao iniciar sua fala sobre o Nordeste, fica confuso se está ou não na região Nordeste. Segundo ele o Nordeste é seco, mas o lugar onde ele estuda e vive não está seco.

Estudante 4: Aqui é um jegue e um cágado

Pesquisadora: E seu primeiro desenho que tem o sol?

Estudante 4 responde: Aqui é a seca que tá no Nordeste.

Estudante 5: Aqui não!

Estudante 4: Concordo com você: aqui não...

Pesquisadora: Mas aqui é Nordeste?

Estudante 4: Aqui né Nordeste não.

Pesquisadora: Por que aqui não é Nordeste?

Estudante 4: Aqui é Nordeste sim. No segundo desenho é a baiana, homenageando a Bahia. É macumbeira.

Pesquisadora: Nesse momento muitos riem.

Estudante 4: Não desenhei a Caatinguinha, porque não sei como fazer isso.

Pesquisadora: O que você quis representar a partir dessa baiana: religião, cultura...?

Estudante 6: Acarajé!

Estudante 4: Acarajé, a cultura afro e a macumba também [...]

Professor: [...] representando o candomblé que é uma religião forte aqui na Bahia. (Momento no qual o professor de geografia que acompanhava minhas salas entrevistou, pois os alunos estavam referindo-se ao candomblé com um tom pejorativo).

O estado da Bahia foi desenhado pelos estudantes como um lugar alegre, onde chove e possui belas praias para as pessoas se divertirem. Desenharam elementos como: Pelourinho, praias, favelas, prédios, macumba, pescadores, mas interessante perceber que o estado da Bahia parecia estar fora da região Nordeste.



Da localidade onde estudam

Na escola, situada no município de Santo Estevão, mesmo os estudantes alegando, inicialmente, que não havia o que desenhar, porque não tinha nada de interessante naquele lugar, desenharam três referências situadas na fronteira tênue entre contexto urbano e rural: posto de saúde, capela, escola e uma fonte de água - chamada

de minador. No desenho, abaixo, seu autor desenhou uma vaca, o mar e pessoas trabalhando na terra. Chamou atenção o desenho da escola representada pela quadra poliesportiva, porque se divertem muito e disputavam torneios.



O elemento escola foi o mais recorrente e apresentado de várias maneiras. Alguns desenharam a entrada e portão amarelo (onde muitos ficam conversando até soar o sinal de início da aula); as janelas azuis, a quadra poliesportiva onde se divertem. Outros desenharam a planta baixa da escola (mapa), indicando cada sala de aula e suas respectivas séries. A partir dos desenhos da escola, foi possível inferir que os estudantes optaram por desenhar os ambientes da escola que mais gostam, a exemplo da quadra poliesportiva que apareceu em vários desenhos.





Apesar da predominância da noção de seca-e-Nordeste, apenas com aspectos rurais, apareceram outros elementos como indústrias, rodovias. No desenho, a seguir, seu autor criou legendas:



Nordeste

- 1º Plantações de cana-de-açúcar, laranja, milho, etc.
- 2º O trânsito e o grande número de rodovias.
- 3º Indústrias de pequeno e grande porte.
- 4º Instituições como creches, escolas e o terreno baldio cheio de lixo.

Bahia

- 1º Clima quente, praia, banhistas e o quebra mar.
- 2º Hotéis e o grande número de habitantes.
- 3º Grande número de empresas.
- 4º As montanhas mais altas e as depressões.

Caatinguinha

- 1º Pés de coco e minador no pé do morro.
- 2º Criação de gado, algumas casas e pessoas.
- 3º As matas e o tempo chuvoso.
- 4º As fontes com peixes e pedras ao redor.

Percebe-se que no contexto da Bahia, foram utilizados elementos que, geralmente, aparecem nos livros didáticos de geografia, como aspectos físicos e socioeconômicos. Em relação às indústrias, o estudante 6 desenhou prédios em tamanhos diferentes, para dar a ideia de proporção e a região Nordeste por meio de elementos vinculados ao agronegócio e à cultura urbana contemporânea. No contexto local, o estudante utilizou elementos específicos da cultura rural onde vive, apresentando elementos que fazem parte de sua vivência e que os considera importantes e representativos, pois “o morador observa a cidade, encontrando nela referenciais para vivê-la no dia-a-dia. [...] seus elementos que se destacam estão vinculados ao uso que cada morador faz dela, na localização dos lugares e nos deslocamentos.” (OLIVEIRA JR, 1994, p. 45). Outro desenho que chamou atenção foi o do estudante 7, pois, além de criar uma subdivisão para o que foi proposto, esboçou uma legenda para os ícones que utilizou para representar a região Nordeste, o estado da Bahia e a Caatinguinha,

trazendo também a noção de capital e interior. Em sua apresentação descreveu da seguinte maneira:



No Nordeste eu desenhei milho, feijão e criação de animais e carro.

Na Bahia eu desenhei a praia da Barra, o Farol, os banhistas, o Pelourinho, favelas, igreja.

Na Caatinguinha eu desenhei um poço de água mineral que a gente chama de minador, e uns capoeiristas, porque eu entrei lá e percebi que eles respeitam um ao outro, ninguém fala mal de ninguém.

Neste desenho, seu autor traz também elementos recorrentes no livro didático (aspectos econômicos como a agropecuária e a construção de rodovias); elementos explorados pela mídia (Pelourinho, favelas, barcos e a Praia da Barra); elementos de sua vivência (o minador, a roda de capoeira e a escola). Mas o que mais chama atenção em relação aos desenhos anteriores, é a diferenciação entre capital e o interior que o estudante fez. O interior aparece com elementos rurais e a capital com elementos turísticos difundidos nos meios de comunicação de massa.



Apesar de em alguns desenhos aparecerem elementos como indústrias e rodovias, nessa atividade com os desenhos, predominou imagens estereotipadas da seca, decorrente dos discursos rotineiramente difundidos acerca do que é a região Nordeste e o estado da Bahia e a Caatinguinha. Vale salientar que este Nordeste estereotipado era visto como um outro lugar, distante do contexto geográfico no qual estão inseridos, pois os estudantes não se sentem inseridos nos próprios desenhos de Nordeste que produziram. Tal reflexão os levou a perceber que há uma “invenção” em torno de muitos discursos e imagens difundidas a respeito da região Nordeste, e que há uma multiplicidade de elementos que fazem parte da referida região, não se restringindo somente ao fenômeno da seca.

Considerações Finais

Esta atividade com os desenhos possibilitou-nos compreender os imaginários que os estudantes têm sobre a Região Nordeste, o estado da Bahia e a localidade onde está inserida a escola (Caatinguinha), na qual estudam. Nos desenhos, houve a predominância de ícones de estereótipos, principalmente para representar a região Nordeste. Ícones presentes na memória, trazendo para os desenhos imagens construídas a partir de um “complexo de inúmeras falas, ‘editadas’ pelas memórias e imaginações pessoais [entendendo esse ‘pessoais’ não como exclusivas de um indivíduo, mas como sendo também produtos e agentes socioculturais e, portanto, históricos e contextuais].” (OLIVEIRA JR, 2002, p. 10-11). Percebeu-se como o desenho é uma linguagem diferenciada para a educação geográfica, haja vista como os estudantes conseguiram expressar suas concepções construídas a partir de suas experiências socioculturais, visuais e espaciais. Por ser uma linguagem mais aberta, os alunos se sentiram mais livres para expressar suas ideias. Ideias que trouxeram problemáticas que instigaram a discussão entre os alunos sobre a existência de vários Nordeste.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Espaço migrante: entre enunciações e olhares**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2010.

MIRANDA, Sérgio Luiz. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia: contribuição para uma geografia escolar crítica**. 2005. iv, 158 f. Tese

(doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104334>>. Acesso em 16 de agosto de 2015.

OLIVEIRA JR, Wenceslão Machado de. **A cidade (tele) percebida:** em busca da atual imagem do urbano. 1994. [250]f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

_____. Desenhos e escutas. In: 29 Reunião Anual da ANPED, 2006, Caxambu-MG. **Anais...**, 2006. p. 1-15.

_____. Um Lugar para Além dos Mapas - A Cidade do Rio de Janeiro nos Desenhos de Jovens Paulistas. In: I Simpósio Ibero Americano de Cartografia para Criança, 2002, Rio de Janeiro. **Anais...**, 2002. p. 1-12.

SADE, Chirstian; FERRAZ, Gustavo Cruz e ROCHA, Jerusa Machado. O *ethos* da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir . In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e , TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto alegre: Sulina, 2009, p. 66-91.

SEEMANN, Jörn. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **OLAM** (Rio Claro), Rio Claro, SP, v. 3, p. 200-223, 2003.

_____. Interpretação de mapas infantis em escala mundial: reflexões sobre percepção, representação e a geografia das crianças. **OLAM** (Rio Claro), Rio Claro (SP), v. 6, 2006.